

STEPHANIE ENGELMAN

*Uma única conta
do Rosário*



Capítulo um

Meus pés afundam na lama quando mudo de posição, olhando de relance os membros da família reunidos no campo vazio. Eu gostaria que alguém falasse claro e dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Uma bela lembrança, alguma coisa de que sentem saudade, uma coisa engraçada que ela disse... talvez, apenas, que agora ela está em um lugar melhor. Mas, de algum modo, todos ficamos aqui parados, esperando.

O sol luta para aparecer entre nuvens pesadas que há somente alguns minutos choveram a cântaros no campo onde agora estamos. Alegrame-me que a chuva tenha parado, do contrário, com certeza, tia Mary Ellen teria insistido que enfrentássemos a chuva para homenagear vovó. Estar aqui já é bem difícil. Ficar encharcada pela chuva no ar frio do começo da primavera teria acrescentado toda uma nova dimensão de horror.

Por fim, tio Joseph pigarreia, o pomo-de-adão batendo em seu colarinho romano engomado. Devíamos ter apostado em quemalaria primeiro. Eu sabia que seria ele. Mamãe deixa escapar um soluço, depois fecha a boca, range os dentes e aperta o punho contra os lábios. É esquisito vê-la desse jeito, embora ache que estou acostumando-me com isso. Sempre pensei que ela fosse tão forte – meu rochedo, aquela

que sempre tinha tudo sob controle, sempre sabia a resposta certa. Mas, desde que vovó morreu, ela parece perdida, fraca e totalmente insegura. Eu me pergunto: como ficaria se ela morresse? Suponho que algum dia vou descobrir isso.

Tio Joseph olha em torno no rosto de seus irmãos e irmãs com os cônjuges, seus sobrinhos e sobrinhas e começa:

– Mamãe ficaria tão contente em ver todos nós juntos aqui. Lembro quando eu, bem, talvez fosse calouro ou estivesse no segundo ano do ensino médio – mais ou menos da idade de Kate e Evelyn.

Ele acena para mim e minha prima Evelyn que está com a família dela ao lado da minha.

Tio Joseph ri discretamente.

– Matthew me pegou tocando sua guitarra. Eu estava em apuros, pois tinha quebrado uma corda. Ele ficou tão furioso que ameaçou contar à minha namorada sobre quando... – tio Matthew dá-lhe uma cotovelada e ele muda de rumo.

– Seja como for... nós nos atracamos, trocando socos até que mamãe apareceu. Ela nem mesmo levantou a voz. Cruzou os braços e pigarreou. Não era a primeira briga entre nós dois que ela interrompia aquela semana. Esperou até pararmos, pôs as mãos na cintura e disse: “Meninos, sempre haverá pessoas com as quais vocês terão dificuldade de conviver. Faz parte da vida. Mas *vocês dois...*” – tio Joseph aponta o dedo no ar à sua frente – “... *Vocês dois são irmãos. São da mesma família.*” Ela nos disse que não teríamos escolha quanto a nos darmos bem e nos disse claramente que era melhor nos entendermos, e nos entendermos depressa, porque ela não ia mais tolerar *aquilo* – acena com a mão para o chão à sua frente. – Ela tinha razão. Um dia compreendemos que realmente nos amávamos. E temos sido melhores amigos a partir

de então. Exatamente como ela costumava dizer: “Se você não consegue amar a sua família...”.

Tio Matthew interrompe e os dois fazem coro:

– ... Não consegue amar a mais ninguém!

Uma risada suave percorre o campo, enquanto irmãos e irmãs, sete no total, compartilham a lembrança. Os ânimos finalmente se aliviam. As contas do rosário de tia Mary Ellen podiam ser poupadas da total aniquilação. Se fossem feitas de carvão, tenho certeza que ela já os teria transformado em diamantes. Até mamãe, que não costuma mais sorrir, ensaia um pálido sorriso quando o irmão mais velho põe o braço ao redor de seus ombros. Tento não sentir ciúmes quando ela lhe retribui o abraço.

Agora todos começam a compartilhar memórias: como vovó adorava cozinhar, mas quase sempre estragava as receitas; como adorava cuidar do jardim e *sempre* tinha sucesso *nisso*; a vez em que ela ficou completamente apavorada quando uma cobra entrou no porão; o jeito como ela parecia topar todas as brincadeiras dos netos, como se pudesse estar em dois lugares ao mesmo tempo ou algo assim; o fato de ter cuidado tão bem de vovô, quando ele ficou doente, e de continuar a passar seus jeans até o último dia. Fala sério. Quem já ouviu falar de *passar jeans*? Mas vovó era assim.

Ela era impressionante.

De uma coisa ninguém fala. Ninguém fala da manhã ensolarada de um ano atrás, quando o avião em que ela estava caiu. Ninguém menciona que ela estava indo ao Colorado visitar tia Liz, ou que ficamos sabendo pelo noticiário, antes mesmo de descobrirmos que aquele era o avião da vovó. Ninguém fala de termos esperado durante horas para ter a confirmação de que ela se fora. Ninguém olha para o campo e diz: “Foi aqui. Foi aqui que o avião caiu. É tudo que nos resta de vovó”.

O que se parece com o elefante na sala – ou acho que eu diria, no campo. Afinal de contas, é por isso que estamos todos aqui. Mas suponho que todos já choraram o que tinham de chorar e agora querem tentar ser felizes.

Desvio o olhar de minha família e olho para outro grupo de pessoas a distância. Tenho certeza de que estão aqui pela mesma razão e me pergunto quem *eles* perderam. Talvez uma avó ou avô, ou ambos. Ou, talvez, uma adolescente como eu. Pensar nisso me dá um arrepio na espinha. Todas aquelas pessoas que viajavam de férias, a negócios, ou de volta para casa e, então, de repente, tudo tinha acabado.

Aquela família também está tentando prosseguir? Tentando ser feliz? Está funcionando?

Tio Joseph começa a rezar o rosário. Ele diz que é o que vovó teria desejado que fizéssemos, e talvez esteja certo. Mas vovó rezava tanto o rosário e veja aonde isso a levou. Assim, decido me afastar. Não sei para onde estou indo, até que paro de olhar para os pés e vejo um grupo de árvores do outro lado do campo. Mais um passo. Desgrudo os pés do barro e vou em direção a elas. Chapinhando cada passo grudento, é como se estivesse totalmente hipnotizada por essas árvores e simplesmente precisasse continuar a andar. Ouço a voz monótona de tio Joseph atrás de mim: “Ave, Maria, cheia de graça...” e todo mundo participando: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

Será que ela rogou? Rogou por vovó na hora da morte dela? Espero que sim. Não gosto de pensar em como aconteceu – quando vovó morreu –, mas imagino que ela deve ter feito todas as preces que conseguiu.

Continuo a andar em direção às árvores e é quase como se estivesse sendo atraída por uma espécie de força invisível. Debaixo das copas das árvores não há mais barro e o chão está coberto de grama salpicada de

flores silvestres. O vento balança as folhas e gotículas de água caem suavemente como chuva em meu rosto. Passo a manga no rosto molhado, mas paro de repente quando um diminuto raio de luz atrai meu olhar. Há alguma coisa no meio das florzinhas roxas a meus pés.

Abaixando-me para afastar as flores, descubro uma pequena conta de rosário de prata e meu coração dispara.

Não é possível. Os investigadores andaram por todo este campo, à procura de todos os fragmentos que pudessem encontrar. Como isto pode ter ficado para trás? Tenho dificuldade para respirar e lágrimas turvam-me a vista. Eu as enxugo porque preciso ver aquilo. Tenho de segurar, tocar – sentir as saliências das letras gravadas em três faces, e passar a unha pela cruz que está na quarta. Tudo que sou resume-se àquela pequenina conta do rosário... É apenas um pequeno fragmento de uma joia, certo?

Mas não é. É uma conta do rosário da vovó. E não apenas uma conta. É a *minha* conta.

K.M.R. – Katelyn Marie Roberts. Essa sou eu. Quem mais poderia ser?

Começo a tremer e caio de joelhos. Sinto os soluços saindo de mim, antes que passem pela minha boca. Não pode ser. Não pode ser. Simplesmente não pode.

Ainda ouço a monotonia das Ave-Marias atrás de mim, mas não consigo distinguir as palavras. Ajoelho-me na grama molhada, chorando, conjecturando, sem entender. Não sei quanto tempo se passou, mas papai deve ter me visto caminhando em direção à floresta e percebido que alguma coisa estava errada. Ouço sua voz de longe e então, de repente, sinto sua mão apertando suavemente meu ombro.

– Kate, você está bem?

Envolver a conta na mão e enxugo de novo o rosto com a manga do casaco, só que desta vez para secar as lágrimas. Olho para papai e tento

fingir que estou bem. É claro que ele sabe que não estou, mas isso é de se esperar aqui, hoje. Ergo os joelhos e sento-me no chão encharcado, voltando cegamente os olhos para o grupo no campo. Papai se junta a mim, sentando-se no paletó para permanecer seco. Sinto a água encharcando-me a saia, mas não me importo. Ele põe os braços em volta de mim e ficamos ali sentados, escutando a monotonia das orações do rosário que vêm até nós do outro lado da terra encharcada.

Por fim, eles terminam. Tia Mary Ellen coloca uma cruz branca no chão e vários tios e tias depositam flores em volta dela. Então começam a se separar, indo para os carros. Mamãe olha em direção a mim e a papai, mas não se aproxima de nós. Imagino que ela não queira sujar os sapatos de lama. Ela definitivamente não quer ter de lidar com as confusas emoções da filha.

Papai grita que já vamos, mas não faz nenhum movimento para se levantar.

Depois de mais alguns minutos, dou uma última fungada e me levanto, guardando discretamente a conta do rosário no bolso do casaco. Não conto a papai. Não sei por quê, mas é meu segredinho – uma coisa que vovó deixou para mim, e só para mim. Talvez eu lhe conte mais tarde. Talvez não conte.

Capítulo Dois

Quando voltamos ao carro, meu irmão e minha irmã já estavam no banco de trás. O nariz de Paul está enfiado em um livro e os olhos de Gwen estão fechados, enquanto ela balança a cabeça, escutando música através dos fones de ouvido.

Mamãe está ao lado do carro, batendo o pé de leve, com os braços cruzados e os lábios apertados.

– Todo mundo já está a caminho do restaurante – ela diz a papai, com voz estridente e zangada. Voltando-se para mim, lança um olhar de desaprovação para minha saia:

– Kate, pegue uma toalha no porta-malas e sente-se em cima dela. Não quero que suje o carro. E tire a lama dos sapatos.

Papai lança um olhar para mamãe e, quando vou para trás do carro pegar a toalha, ela me segue. Tenta sorrir, mas o sorriso não lhe alcança os olhos e ainda noto a irritação em seus brilhantes olhos verdes.

– Isto é difícil para todos nós, Kate. Com o tempo vai ficar mais fácil – diz isso como se tentasse convencer a si mesma.

Quero dizer: “Ah, é? É por isso que a senhora está devastada? Fica mais fácil? É por isso que não passa tempo algum comigo, não pergunta como foi meu dia nem se gosto de algum cara na escola? Porque fica

mais fácil?”. O fato é que não acredito. Quando vovó morreu, abriu-se em mim um grande buraco, e mesmo depois de se passar um ano esse buraco não diminuiu. Está claro que o de mamãe também não diminuiu. Na verdade, acho que está aumentando.

Mas tento devolver-lhe o sorriso e meus lábios tremem com a tentativa. Tento fazer a frase *certa* sair, algo simples como: “Sim, mamãe, eu sei. Vou ficar bem”. Mas as palavras ficam presas na garganta. Ela dá meia-volta e vai para o lugar do passageiro. Encaro sua nuca, desejando ter minha antiga mãe de volta.

A caminho do restaurante, papai tenta iniciar uma conversa para aliviar o silêncio desconfortável, mas Gwen está escutando música, Paul está absorvido no livro e mamãe e eu olhamos pela janela, mal respondendo. Por fim, papai liga o rádio e conforma-se em cantarolar junto com ele. Aliviada, acomodo-me em meu lugar, batendo discretamente no bolso para me assegurar de que a conta do rosário ainda está lá.

Logo estamos na rua principal, na cidadezinha de Danville. Olho em volta sem interesse, mal notando os edifícios antigos que se alinham ao longo da rua. Estacionamos atrás de um antiquado carro de polícia branco e preto, que exhibe na lateral o nome do restaurante, “Mayberry Café”. Papai deixa escapar uma risada e explica que o restaurante é uma referência a algum programa de televisão da década de 1960 que apresentava um policial bobalhão.

Nada disso me interessa realmente. Tudo o que sei é que a conta do rosário está quente no meu bolso, enquanto saímos do carro e entramos no restaurante. Papai segura a porta e aspira profundamente:

– Hummm, cheirinho de frango frito – ele diz, batendo na barriga com um sorriso.

O restante da família permanece quieto, enquanto subimos as escadas para a sala reservada. Naturalmente, sento-me ao lado de Evelyn.

– Oi – ela diz dando-me um sorrisinho.

– Oi – respondo e enfio a mão no bolso para segurar a conta, sentindo-me culpada por não estar com pressa de contar nem mesmo a ela o que aconteceu. Conto tudo a Evelyn, tudo, mas simplesmente não estou pronta para falar sobre isso. O que eu diria? Como lhe contaria? Ela pensaria que estou maluca? Talvez seja apenas coincidência e estou agitada à toa. Talvez alguém mais tenha uma conta de rosário com as iniciais K.M.R. e a perdeu enquanto caminhava pelo bosque.

Certo. Quem estou tentando enganar?

Sinto pena da garçonete que se aproxima, parecendo nervosa. Acho que nosso grupo me faria suar, se eu fosse garçonete. Somos quase trinta pessoas e um bando de crianças, e muitos de nós estamos com os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar. Peço um refrigerante e escondo a cara no cardápio, como se realmente pudesse pedir outra coisa além de um hambúrguer e batatas fritas. Na verdade, não estou com vontade de conversar, nem mesmo com Evelyn. As outras crianças a minha volta já fizeram os pedidos e começam a conversar umas com as outras. Gostaria que todas desaparecessem para eu ficar sozinha.

Meu desconforto faz o tempo se arrastar e parecer uma eternidade, até a garçonete trazer as bebidas e anotar nossos pedidos. Quando ela sai, olho em volta nos rostos conhecidos sentados perto de mim. Como de costume, estou presa na mesa das crianças. O irmão de 18 anos de Evelyn, Dylan, está sentado à minha frente e a irmãzinha deles, Ava, está à sua direita. Minha irmã Gwen está ao lado de Ava – ambas têm 13 anos e são melhores amigas como eu e Evelyn. O filho mais velho de tia Mary Ellen, Thomas, de 14 anos, está à esquerda de Dylan e o irmão dele, Isaac, de 12 anos, está a seu lado. Isaac idolatra Dylan, por isso ele se estica ao redor de Thomas para ouvir atentamente cada palavra de Dylan. Os dois de 10 anos – meu irmão Paul e o quarto filho de

Mary Ellen, Daniel – estão na ponta mais afastada da mesa, enquanto a caçula de Mary Ellen, Maria, está sentada à minha direita, ocupada em desenhar na toalha de papel da mesa.

Todas as outras crianças parecem recuperadas do constrangimento de terem estado no local do desastre, e sou a única que não está envolvida em uma conversa. Ainda me sinto um pouco abalada, pronta para chorar pelo menor motivo, e tenho medo de dizer alguma coisa a Evelyn, porque sei que ela não se deixaria enganar por mim e vai perguntar o que está acontecendo. Assim, murmuro alguma coisa a respeito de secar a saia no banheiro, empurro a cadeira e me dirijo às escadas, ansiosa por um pouco de privacidade.

Acho o banheiro, tranco a porta e coloco as mãos na beira da pia, olhando-me no espelho como se meu reflexo tivesse algumas respostas. O que me levou àquelas árvores? Como achei uma pequenina conta do rosário no meio daquele campo enorme, quando os investigadores não a viram? É apenas coincidência que seja a *minha conta* ou é mais que isso? Vovó está tentando falar comigo, de alguma maneira? E se está, o que ela está dizendo?

O espelho não tem respostas, por isso volto-me para o secador manual, que só fica ligado se seguro o botão, e me vejo pressionando-o com a mão esquerda nas costas, enquanto empino o traseiro em direção ao secador, usando a mão direita para erguer a saia em direção ao ar. Graças a Deus o banheiro é individual, assim não tem perigo de alguém me interromper.

Cinco minutos depois, finalmente satisfeita com os resultados, lavo as mãos e jogo água no rosto antes de sair do banheiro. A volta para a sala me faz passar por uma lojinha de presentes. Não estando pronta para enfrentar a turma lá em cima, finjo dar uma olhada na coleção de camisetas, canecas e quinquilharias. Ponho a mão no bolso para me

assegurar de que a conta do rosário ainda está ali, então, pego-a, girando-a nos dedos. Vou até a janela, para procurar a luz do sol, e com a unha raspo a sujeira da letra K gravada.

Absorvida na conta, nem percebo que mais alguém entrou na loja de presentes, até que ouço uma tosse discreta. Levanto os olhos e vejo uma garota de pé, só um pouco afastada, e rapidamente devolvo a conta para o bolso. Ela me olha com interesse e ajeita uma mecha de cabelo rebelde atrás da orelha.

– Posso ajudá-la? – pergunta depois de uma pausa longa demais. A garota aparenta uns 18 anos e tem cabelo loiro, que está puxado para trás em um rabo de cavalo desarrumado. Veste o uniforme do restaurante: calças pretas e camisa castanho-avermelhado com o logotipo do restaurante.

– Hum, não. Estava só olhando.

– Certo. Bem, meu nome é Chelsea, se precisar de alguma coisa – dá de ombros e começa a se afastar, mas então para e pergunta: – Você está com aquele grupo grande no andar de cima?

– Sim, o grupo é minha família.

Ela arregala os olhos.

– Uau! É uma família grande. Vocês se reúnem desse jeito com frequência?

– Bem, costumávamos nos reunir. Quero dizer, ainda nos reunimos no Natal, no Dia de Ação de Graças, na Páscoa e coisas assim, mas... esta... – engulo em seco e pisco os olhos, não querendo chorar na frente de alguém que nem conheço. – Desta vez é diferente.

– Ah, como uma grande comemoração de aniversário, ou algo parecido?

Um risinho amargo me escapa.

– Não, não é um aniversário. Minha avó estava naquele avião há um ano. Aquele que... – as palavras ficam presas na garganta.

Chelsea tapa a boca com a mão. Arregala os olhos brilhantes cheios de compaixão.

– Oh, meu Deus. Sinto muito. Que horrível!

– Sim, bem... leva tempo, mas a gente supera – minto e dou de ombros.

Ela procura mudar de assunto.

– Ah, então, vocês... moram por aqui?

– A uns quarenta e cinco minutos, em Indianápolis. É a primeira vez que a gente vem aqui.

– Que bacana. Quero dizer, bem, não é, mas...

Decido ter dó dela.

– Legal esta loja que vocês têm aqui – aceno a minha volta.

– Sério? – ela revira os olhos. – Sim, eu acho, se você é alguém que gosta de programas antigos de televisão – sem graça ela ri e então olha em volta meio nervosa. – Bem, como eu disse, se precisar de qualquer coisa é só chamar – começa a ir em direção ao balcão, mas para e volta.

– Ei! Posso lhe fazer uma pergunta?

– Acho que sim – digo, mas tenho certeza que não vou querer responder.

– Aquilo que você estava olhando quando cheguei, que estava na sua mão. O que era?

Enfio os dedos no bolso e os coloco na conta, que está quente por estar guardada em segurança ali no bolso. Sem nem pensar a respeito, tiro a conta do bolso e seguro-a na palma da mão para ela ver. Não sei por que eu falaria dela com esta estranha, se não contei nem mesmo a Evelyn, ou a meu pai, mas de repente as palavras jorram de meus lábios.

– É uma conta de rosário. Sabe aqueles rosários que as velhinhas usam para rezar? Minha avó tinha um especial, que meu avô mandou fazer para ela; tinha uma conta gravada com as iniciais de cada um dos filhos. Depois, quando cresceram e se casaram, ela mandou fazer contas com as iniciais dos cônjuges. E quando tiveram filhos, ela acrescentou contas para as crianças. Assim, cada um de nós tinha uma conta com suas iniciais gravadas. Ela dizia que rezava por nós todos os dias.

– Uau! Ela parecia ser uma avó realmente especial – diz Chelsea.

Faço uma pausa, aí digo calmamente:

– Achei esta lá no campo hoje, durante a celebração. É a *minha* conta.

Continuo a encarar a conta prateada em minha mão por um momento, então finalmente levanto os olhos. O rosto de Chelsea ficou branco e ela está também encarando a conta. Imaginava não ser possível, mas aqueles grandes olhos castanhos ficaram ainda mais arregalados que antes.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, entretanto, ela fixa o olhar em mim. A boca está aberta e ela move o maxilar como se quisesse dizer alguma coisa, mas não encontrasse palavras. Estende a mão e se apoia no balcão mais próximo, como para evitar de cair.

Por fim, ainda olhando diretamente nos meus olhos, ela murmura:

– Achei uma conta exatamente igual a essa. Só que as iniciais eram E.M.L. Dei-a a minha amiga Emma – olha para a conta na palma da minha mão. – Emma Marie Lowry: E.M.L. Ela... – seus olhos chocados voltam a encontrar os meus. – Ela acha que a conta salvou a vida dela!

Capítulo Três

Ficamos ali paradas, olhando fixamente uma para a outra por um tempão. Então, desvio os olhos, procurando desesperadamente um lugar para sentar. O peitoril da janela é estreito, mas grande o bastante para oferecer algum apoio e trêmula, encosto nele, pressionando contra o estômago a mão fechada em volta da conta.

Nesse momento, ouço passos que descem a escada à esquerda da loja. Dou um pulo, sobressaltada, quando mamãe surge no canto e para de repente.

– Kate! Aí está você. A comida está servida e a sua está... – mamãe se detém quando percebe que Chelsea e eu estamos boquiabertas diante dela. – Kate, o que está acontecendo? O que você está fazendo? – indaga.

– Nada! Eu estava apenas, hum, olhando a loja – respondo, tentando parecer normal. Olho desesperadamente em volta, tentando achar uma razão para ficar mais alguns minutos. – Eu estava só perguntando sobre estas... estas canecas de café. Já vou... já vou subir, está bem?

Mamãe franze os lábios e endurece o maxilar.

– Kate, esta é uma ocasião importante e não acho apropriado você ficar olhando uma loja de presentes, em vez de estar com a família. Venha comer.

Como posso discutir? Ela está certa. Assim, olho de relance para Chelsea e subo as escadas com mamãe.

A sala está relativamente silenciosa, pois todos estão ocupados comendo. Evelyn me dá uma olhada rápida e volta a comer, e percebo que ela está um pouco amuada porque saí. Olho para o hambúrguer com batatas fritas no prato, mas meu apetite sumiu faz tempo. Então, pego o copo de refrigerante e tomo um gole, tentando pensar no que dizer para Evelyn. Não me vem nada à cabeça e me conformo em sussurrar:

– Sinto muito. Explico depois – então largo o copo e dou uma mordida em meu lanche, agora frio.

Mantendo os olhos no prato para evitar o olhar de todos à mesa, penso no que Chelsea acabou de me dizer. E.M.L. Essa seria a conta de tia Liz. E de Elizabeth. E essa garota, Emma, acha que a conta salvou sua vida? Como pode ser isso? Muitas perguntas inundam meus pensamentos. Onde Chelsea achou essa conta? Há quanto tempo a achou? Isso tudo não é coincidência grande demais para ser realmente uma coincidência? Quero desesperadamente abandonar o prato e a família e voltar à loja de presentes para descobrir tudo que for possível a respeito da conta, de Emma e de como a conta salvou a vida dela, mas sinto os olhos de mamãe sobre mim. Lanço-lhe um olhar culpado e percebo ser óbvio que ela está mais do que apenas um pouco irritada por eu ter desaparecido por tanto tempo.

Procuro jogar conversa fora com Evelyn, de repente não querendo nada além de lhe contar tudo que aconteceu na hora que passou: ser atraída para aquele lugar no meio das árvores, enquanto todos rezavam o rosário, encontrar a conta – com as *minhas iniciais* – e, então, ficar sabendo que alguém mais tem outra conta dessas e acha que essa conta *salvou-lhe a vida*. Mas não há um jeito de conversar sobre isso aqui, não com toda a família em volta. Quem sabe como reagiriam? Nem sei o